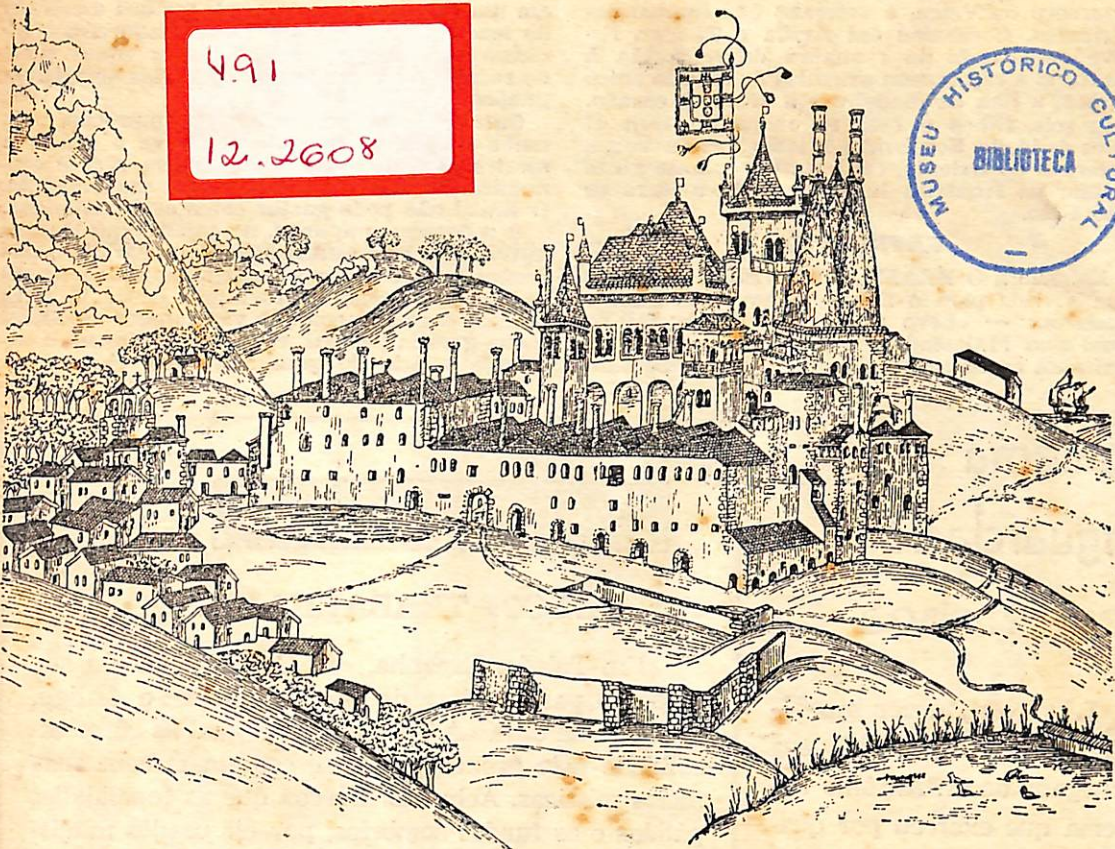


BRASIL É NOVAMENTE UM SÓ



— General, não sei de que côr é. o mêdo.
— É da côr da prudência, Majestade!

Apesar das ponderações contrárias de Alba, Filipe resolveu-se a ajudar seu jovem sobrinho Sebastião na empresa marroquina.

A gravura reproduz o paço de Sintra, onde teve lugar a histórica reunião do Conselho da Coroa Portuguesa, durante a qual d. Sebastião comunicou aos seus ministros sua inabalável decisão de iniciar imediatamente a campanha da Africa.

O noticiário completo se encontra na página 7 desta edição.

Essas duas frases foram trocadas em tom ríspido entre d. Sebastião, rei de Portugal, e o duque de Alba, chefe militar de Filipe II de Espanha, quando, reunidos em Guadalupe até fins de janeiro d'este ano, os dois soberanos trocavam idéias sobre a invasão do Marrocos por tropas portuguesas.

Pecados não fazem cometas

Hveen (Dinamarca), 1577 — (Do enviado especial) — Um cometa observado pelo jovem mas já famoso astrônomo dinamarquês Tycho Brahe, deu motivo a uma série de debates em torno do fenômeno que vem apavorando a humanidade através dos tempos.

A reportagem conseguiu, inclusive colhêr, das mãos de um gravador, figura autêntica feita por ele como testemunha de vista da aparição de um desses terríveis cometas que tanta desgraça trazem atrás de si, segundo opinião generalizada no seio do povo.

Falando a este enviado especial, o astrônomo Brahe declarou: — «Do meu observatório de Uraniborg pude seguir um brilhante cometa em sua magnífica trajetória, daí tirando deduções que, embora teóricas, considero da maior importância.

«Afastando-me da credence popular, acredito piamente que o cometa se encontra pelo me-

nos três vêzes mais afastado da Terra que a própria Lua, e girava em torno do Sol a uma distância maior que a de Vênus, sem que as esferas de cristal lhe causassem qualquer impedimento.

«Disse e confirmo que, apesar da aparente irregularidade do seu movimento, o cometa poderia mover-se numa órbita oval.»

Para o povo, porém, não importam as declarações de Tycho Brahe: cometa, sempre e de qualquer forma é anunciador e portador de desgraças. Uma das opiniões correntes, entre tantas outras, é a de que eles são formados pelos pecados e pela maldade humana que sobem da Terra, se condensam como uma espécie de gás que a cólera divina inflama. Seria essa matéria venenosa que, com o cometa, torna a cair sobre os homens causando a morte e malefícios diversos.

O Rio será sempre o Rio

Lisboa, 12, setembro, 1577 — O Brasil fica reunificado, todas as capitanias prestam obediência ao governo central da Bahia, mas o Rio de Janeiro, no Sul, que durante três anos teve administração própria, gozará de relativa autonomia.

Isso foi o que decidi, hoje, o rei D. Sebastião, ao nomear para capitão no Rio o sr. Salvador Correia de Sá.

Lourenço da Veiga (recém-nomeado governador do país) dará a Salvador de Sá posse do cargo e lhe conferirá mais poderes que os de simples representante do governo, afirmou o rei ao baixar seu decreto.

E, explicando: — O Rio, dada a distância que fica da Bahia, precisará de governar-se a si próprio.

Segundo os conselheiros da coroa, o capitão Salvador de Sá governará a mais nova cidade brasileira como delegado do governador-geral. Seus atos, contudo, estarão sempre sujeitos à aprovação ou reprovação de Lourenço da Veiga.

Tasso está louco

Torquato Tasso está louco. Há dois anos já que havia desconfiança quanto ao seu estado mental e agora se confirma a triste notícia de que Tasso sofre seriamente das faculdades mentais.

Considera-se como motivo do desequilíbrio do famoso escritor e poeta italiano a repercussão de sua obra, a "Jerusalém Libertada", que provocou grande polémica e lançou sobre ele os olhos severos da Inquisição.

Além do grande desgaste sofrido por Tasso na preparação e revisão da "Jerusalém Libertada", contribuíram decisivamente para levá-lo à loucura os julgamentos a que foi submetido pela Inquisição. Apesar de absolvido, Torquato Tasso continuou sob suspeita de heresia, ao mesmo tempo em que procurava intimamente uma justificativa para as posições doutrinárias concretizadas na sua obra.

Em junho d'este ano, quando se encontrava em casa do duque de Urbino, em palestra com sua mulher, Lucrecia d'Este, sentindo-se espiado, lançou uma faca sobre um criado que entrava na sala.

Foi então preso e, desde aquele fato, é mantido incomunicável em seus aposentos, com guarda à vista.

Lisboa, 12, abril, 1577 (Urgente) — A nomeação de Lourenço da Veiga, do conselho da coroa, para capitão da Bahia e demais terras e capitanias do Brasil, encerrou, hoje, virtualmente, a experiência que dividiu o país em dois governos.

O ato do rei Sebastião de Portugal foi precedido, em janeiro último, de um dispositivo que tornava evidente a próxima decisão real. No dia 15 daquele mês, o soberano mandou vir do Brasil o sr. Antônio de Salema, governador do Sul do país, deixando vago o cargo no Rio de Janeiro.

Segundo altas fontes da chancelaria, o rei considerou insatisfatórios os resultados da divisão de governo. «Os frutos não compensam o encarecimento da administração», teria dito o soberano ao assinar a nomeação de Lourenço da Veiga.

Pelo decreto hoje baixado, o governador do Norte, sr. Luís de Brito, já nada mais tem a fazer na Bahia. Ao que se informa, deverá regressar a Portugal logo após a posse de Lourenço da Veiga, marcada para o começo do próximo ano. Salema reassumirá seu posto no desembargo de Lisboa e já tomou conhecimento do ato real que o reconduz à suprema magistratura do país.

(Outras notícias na pág. 2)

o Brasil em Jornal

1577
N.º 30

"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"

Preço único
Cr\$ 15,00

Drake comanda esquadra Objetivo: volta ao mundo

Plymouth, 13, dezembro. (Especial para O BRASIL EM JORNAL) — Uma frota de quatro ou cinco navios sob o comando de Francis Drake, um dos favoritos de Elizabeth I, acaba de zarpar d'este porto com o objetivo provável de seguir a rota de Fernando Magalhães.

Drake é o mesmo que em 1567 acompanhou John Hawkins e teve sob o seu comando o barco «Judith» na campanha contra as cidades espanholas do golfo do México.

Segundo apuramos a tentativa que agora se inicia, de dar a volta ao mundo pela mesma rota de Magalhães, tem por principal motivo quebrar o monopólio marítimo de portugueses e espanhóis, incontestes dominadores dos mares.

A rainha da Inglaterra, guiada pelo seu ministro Cecil, apesar de manter hostilidades francas com os navios portugueses, recusa-se a romper com a Espanha pelo menos abertamente.

Fontes bem informadas asseguram, no entanto, que a guerra fria entre as duas nações não demorará a assumir um caráter mais sério, uma vez que a expedição que hoje daqui partiu leva a autorização real e, mais do que isso, financiamento de mil escudos saídos da própria bolsa particular de Elizabeth I.

O ministro Cecil, interpelado pela reportagem, negou-se a fazer qualquer declaração a respeito, não confirmando nem desmentindo os termos d'este despacho.



Drake
A "boa Bess" confia nêle



PANORAMA

Alberto da Áustria recebeu das mãos do papa Gregório XII o chapéu cardinalício.

O senado de Toulouse condenou este ano 400 pessoas por crime de feitiçaria.

Marco Antônio, de Colona, ganhou de Filipe II o vice-reinado da Sicília.

O já famoso Francis Walsingham recebeu a 1.º de dezembro o título de «Cavaleiro». Foi a própria rainha Elizabeth quem fez a sagração.

«Se nos mandarem muitos missionários, dentro de 10 anos o Japão será cristão.» Essa declaração foi feita a um dos nossos enviados especiais, no interior do Japão, por um padre católico que lá se encontra há muito tempo.

Gdansk, rica cidade da Polônia, na embocadura do rio Vístula, e cidadela tradicionalmente rebelde ao governo legal, teve suas tropas derrotadas pelos legalistas perto do lago Lubieszow. O número de baixas dos rebeldes ascendeu a 4.500 mortos.

Túnis e Fêz contam agora com consulados franceses criados pelo rei Henrique III.

O margrave Georges Frederico foi nomeado regente da Prússia pelo rei da Polônia, a 22 de outubro. De saída, o margrave recebeu 200.000 zlotys (moeda local) para custear a guerra contra a Livônia.

Turcos e espanhóis (lembrai-vos de Lepanto) assinaram uma trégua que vigora para todo o Mediterrâneo. Quem pensa em viajar nesse mar, já pode fazer sua viagem com mais tranqüilidade. Pelo menos por enquanto...

Um grande incêndio ocorrido há algum tempo no Palácio Ducal de Veneza destruiu, entre outras obras de arte, vários dos maravilhosos quadros do grande Ticiano que morreu no ano passado.

Cristão novo não pode ser mais jesuíta

Roma, 13, julho, 1577 — Urgente) — Cristãos novos ou pessoas cujo viver escandaloso seja nocivo à sociedade não serão mais admitidos na Companhia de Jesus.

Isso ficou decidido hoje, em parecer que o geral Mercuriano, da Ordem dos Jesuítas, enviou ao padre José Anchieta, ora no Brasil.

Em seu despacho reservado, Mercuriano acrescenta que tal decisão se deve ao fato de ter parecido em Roma que a admissão de cristãos novos na ordem "desedifica, ao invés de ajudar".

Situação japonesa

Kiôto, Japão — Toyotomi Hideyoshi, famoso general das tropas de Nabunaga assumiu o comando da campanha contra as forças dos Mori e dos Shimazu. Faltam detalhes sobre a situação.

MÚSICA

REFORMA DO CANTOCHÃO

O papa Gregório XIII encarregou Giovanni Pierluigi (Palestrina) de dirigir uma reforma do cantochoão.

Em sua carreira de sucessos, este, sem dúvida, é um marco na vida do destacado compositor e músico. Tendo começado como organista e maestro da capela da catedral de sua cidade natal — que lhe emprestou o apelido de Palestrina — em 1544, sete anos mais tarde, sua arte maravilhosa o levou a Roma a chamado do Papa de então para assumir o posto de maestro de cântico e canto da Capela Júlia de S. Pedro.

Em 54 ele publicava uma série de composições dedicadas ao papa Júlio III. Logo depois foi nomeado cantor da Capela Sistina, fato inédito, pois até então todos os cantores tinham de ser sacerdotes. Palestrina nessa época já era casado e tinha filhos.

O sucessor de Júlio III, Marcelo II, foi o grande protetor de Palestrina, que compôs em sua homenagem a já célebre «Missa do Padre Marcelo». Paulo IV, novo Papa, alijou-o do posto que ocupava, por ser ele casado.

Mais tarde era o compositor o maestro da Capela de Letrán, fazendo então as «Improperia». Em seguida foi maestro da Capela de Santa Maria «a Maior».

Brasil é novamente um só

O novo governador do Brasil unificado, sr. Lourenço da Veiga, é veterano das campanhas africanas. Combateu em Arzila e Tânger. Estêve embarcado na esquadra de repressão à pirataria e capitaneou armadas de correio entre Lisboa, a ilha da Madeira e a Mina. É casado, tem seis filhos e está no momento com 47 anos de idade. Seu irmão Tristão Vaz da Veiga, veterano do Oriente, controla importante posto militar na fronteira luso-espanhola, a torre de São Gião.

ENTREVISTA

Falando a O BRASIL EM JORNAL antes de sua partida para o Brasil, o novo governador declarou: — «Levo um regimento do rei no qual Sua Majestade manda que no Brasil se reduzam as despesas públicas, que ele conside-

ra exageradas. Assim é que devo reunir cargos em um só, como, por exemplo, os dos escrivães da fazenda e dos feitos; os de tesoureiro e almoxarife e vários outros, assim como terei de reduzir os vencimentos de vários servidores públicos.

Outros, ainda, perderão seus empregos, pois tenho ordens de despedir inclusive o físico, o mestre-de-obras e outros. A ordem real é economizar e vou cumpri-la como me compete. O Brasil não pode gastar como está gastando».

A reportagem apurou, no entanto que o novo governador leva autorização para, em troca das economias aumentar a entrega de mantimentos aos jesuítas, tendo autorização desde já para nomear doze homens que vão compor no Brasil a sua guarda pessoal, recebendo cada um o excelente salário de quinhentos réis por mês.

Salema aguardado em Lisboa

Lisboa, dezembro — Aguarda-se nesta cidade a chegada do sr. Antônio Salema que exerceu por quatro anos o governo da parte Sul do Brasil. Desde 15 de janeiro, el-rei dera ordem para que lhe fôssem pagos os vencimentos atrasados. Sabe-se, por outro lado, que Salema escreveu um livro sobre a «História do Rio de Janeiro», que deve ser muito útil ao novo governador-geral, a quem, parece, vai ser enviado pelo autor.

Depois do Concílio de Trento, marco da reforma católica viu-se excluída toda a tendência profana da Igreja, propiciando assim o triunfo da música polifônica e a consagração do estilo de Palestrina que, em decorrência, foi nomeado compositor oficial da Capela Pontifícia.

O homem incumbido pelo Papa de reformar o cantochoão, além de tudo isso, foi compositor titular do Oratório de S. Filipe Néri; diretor dos concertos do príncipe Buoncompagni e diretor de estudos da Escola de Música fundada por Nannini.

Não resta dúvida de que não faltam credenciais a Palestrina para exercer a importante missão de que acaba de ser incumbido.

TEORIA

A música teórica registra o lançamento de «De música», de Salinas, versando a união do ritmo musical com o ritmo poético.

ESPINETA

Milão consagra este ano como instrumento de teclado número um, merecedor das preferências gerais, a espineta. Seu predomínio é total em quase todos os gêneros de música.

MORTE

Jean Mangon, compositor francês de nomeada e que foi diretor do cântico da Munsterkirche em Aix-la-Chapelle desde 1570 até agora, faleceu vítima, provavelmente, da peste.

Ele deixa nada menos de 97 peças religiosas, destacando-se as missas, as paixões e os motetos.

ARTES PLÁSTICAS

«EL GRECO» TRABALHANDO

Em Toledo, Espanha, «El Greco» concluiu seu trabalho para o altar de São Domingos, o Antigo. Trata-se da obra «A Trindade», na qual as côres escolhidas pelo grande pintor se coadunam com suas idéias místicas. Acha «El Greco» que as tonalidades pálidas e os fundos sombrios, por ele usados magistralmente, levam à meditação.

Em declaração exclusiva para O BRASIL EM JORNAL, «El Greco» disse: — «Acredito nas côres e em suas tonalidades como motivação sentimental. Diante de tonalidades pálidas e fundos sombrios não há quem não seja levado à meditação.»



Paulo Veronese acaba de expor mais uma de suas maravilhosas obras. Trata-se de «O Triunfo de Veneza», terminado neste ano de 1577 e que vem merecendo os aplausos da crítica, não só pela sua beleza como pelo sentido excepcional de concepção que lhe emprestou Veronese.

É da magnífica tela que reproduzimos a gravura que ilustra esta nota.

"Repressão a ferro e fogo"

França come pouco pão e muita carne

Paris, dezembro, 1577 (Sucursal) — Os franceses comem pouco pão e pouca fruta, mas gostam muito de carne, principalmente, carne de carneiro. Se estatisticamente isto não é certo é, pelo menos, a abalizada opinião do «gourmet» e embaixador veneziano Jerônimo Lippomano, manifestada a um correspondente estrangeiro.

O sr. Lippomano constatou, ainda, que em qualquer banquete o prato principal é a carne, «bem assada e bem temperada». «Os franceses, diz ele, adoram os pastéis de carne. Em qualquer cidadezinha do interior há um número surpreendente de pastelarias».

MUITO BARATO

O embaixador confessa, na entrevista, que levou muito tempo para acreditar que uma perdiz, uma lebre custam muito mais barato preparadas — temperadas e assadas — do que vivas no mercado ou nos arredores da capital.

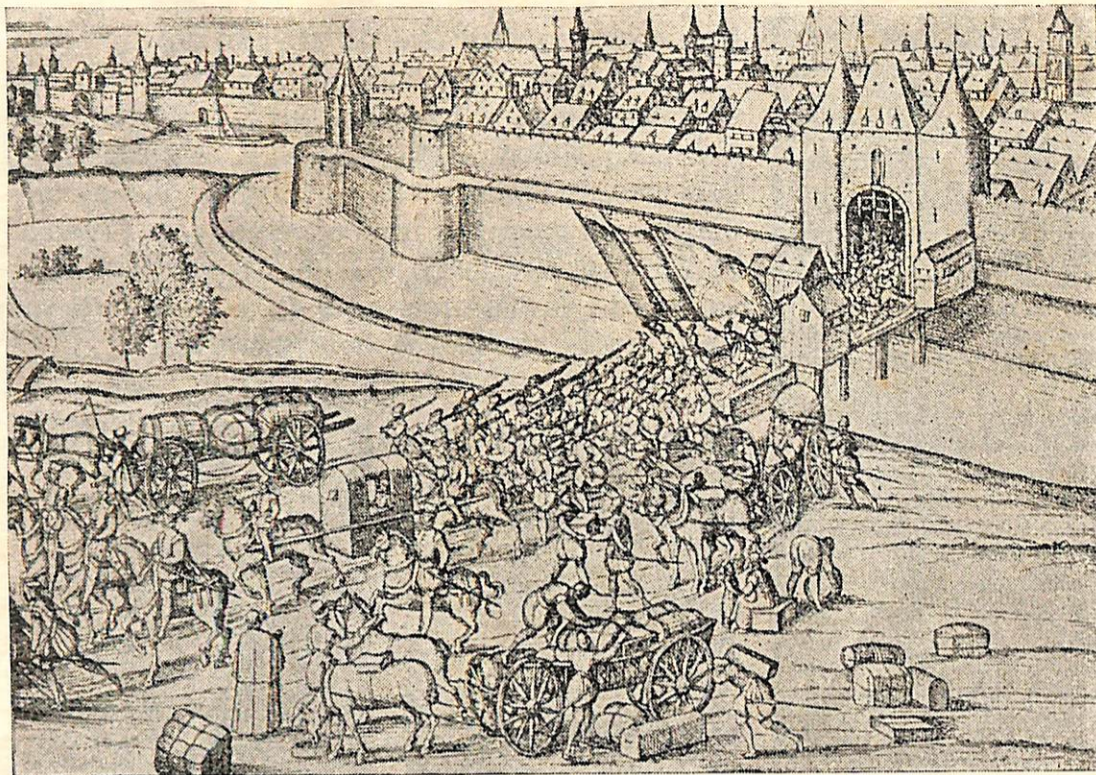
Depois de se informar com os criadores, recebeu a explicação de que as casas compram o produto em grande quantidade e, por isso mesmo, a preço muito mais barato, o que justifica o grande número de restaurantes no país. «Pois compra-se, não só mais barato como a qualquer hora e em qualquer esquina», adianta o embaixador veneziano.

«Esta arte de comer bem está tão adiantada em Paris que as casas especializadas fornecem alimento a qualquer preço: por um escudo, por quatro, por dez, por vinte. E o que é melhor: come-se o que há de mais saboroso no mundo, sem trabalho e na própria casa».

PORCO NÃO

O sr. Lippomano informa ainda que a carne de porco só é alimento das pessoas muito pobres. As outras, operários, comerciantes, doutores e até os ricos, comem nos dias de festa carne de carneiro, de cabrito, de perdiz; nos dias comuns, salmão, bacalhau e arenque salgado, vindo dos Países-Baixos e das ilhas setentrionais em grande quantidade.

O embaixador de Veneza termina sua entrevista afirmando que os vinhos de Ilde-France não são bons.



A RETIRADA
Soldados espanhóis deixam Brabant com o produto do saque

Gante (Países-Baixos) 1º, novembro (Do correspondente) — Em bases precárias e com duvidosas probabilidades de êxito, acaba de ser fundada nesta cidade uma república tipo da de Gênova, numa tentativa de conseguirem os chefes locais acabar com o domínio espanhol sobre as províncias que compõem os Países-Baixos.

Esta cidade que viu nascer o grande Carlos V e que hoje se encontra sob o tacão da bota de seu filho, Filipe II, e está ameaçada por outro filho do grande imperador, este natural, d. João da Áustria, herói de Lepanto, não acredita muito no êxito da surpresa.

O movimento tem à frente os representantes da massa e se dirige principalmente contra os espanhóis e contra a nobreza local. Marnix, já famoso opositor dos intransigentes pastores que pregam o clericalismo teológico, está para chegar a esta cidade com o objetivo de sugerir a assinatura de uma paz religiosa que abranja todas as províncias, ficando cada uma com o direito de adotar a religião que melhor lhe convier.

Declarações colhidas por representante nosso junto à comitiva de Marnix emprestam ao pregador as seguintes palavras: — «Os pastores não podem nem têm o direito de dominar as consciências daqueles que estiverem sob sua autoridade. O pensamento deve ser livre e ninguém tem o direito de ditá-lo a outrem».

Recorda-se que a 12 de fevereiro deste ano foi promulgado em Antuérpia o que se resolveu denominar de edito Perpétuo que impôs ao vice-rei, d. João da Áustria, ainda a caminho dos Países-Baixos para substituir o falecido Resquesens, a retirada imediata das tropas espanholas, italianas e borgoñesas que há tanto tempo vêm ocupando o país.

Podemos informar que, sabedor da determinação destas províncias, d. João da Áustria solicitou a Filipe II que lhe dê todos os recursos possíveis para que possa reprimir a ferro e fogo o movimento de libertação, já em adiantado curso.

RETORNO A LUTA

Namur, dezembro (urgente) — D. João da Áus-

tria, de posse desta cidadela que vem de conquistar, aguarda a chegada dos «seus grandes amigos os capitães e soldados do exército espanhol» que mandou buscar na Itália.

D. João pretende dar início a uma violentíssima repressão, mais atroz ainda que as que se verificaram sob o comando do duque de Alba e que ensanguentaram todas as províncias dos Países-Baixos.

SITUAÇÃO CONFUSA

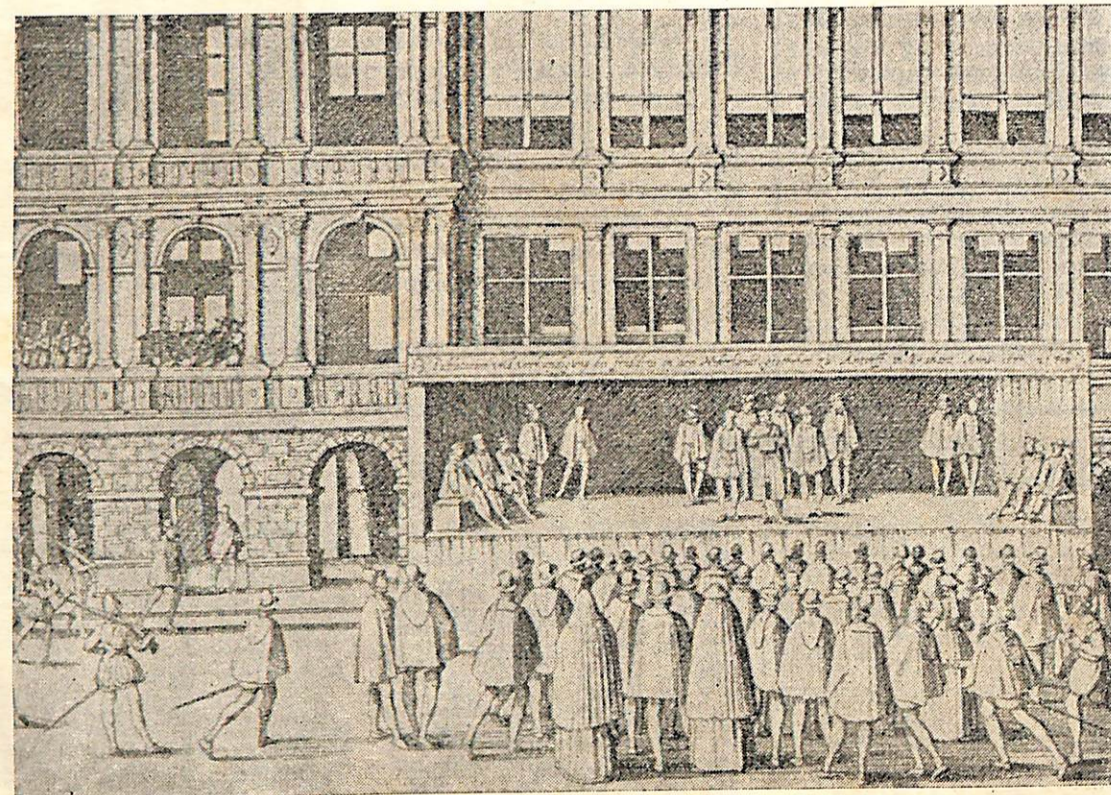
Bruxelas, 30, dezembro (urgente) — Enquanto Guilherme de Orange líder nacional da luta pela libertação, apelidado o «Taciturno», era recebido aqui com manifestações espetaculares, um jovem de 20 anos, o arquiduque Mathias, da Casa dos Habsburgos, foi convidado, pelos Estados Gerais aqui reunidos, a assumir o governo destas províncias.

Transmitindo esta notícia em primeira mão, podemos garantir a autenticidade do referido convite, nascido do temor que já inspira à nobreza tradicional o crescente prestígio e poderio de Guilherme de Orange. Desta forma, no momento em que é mais necessária a união em torno dos ideais de libertação, os povos dos Países-Baixos terão de enfrentar desavenças e dissensões internas quando o inimigo ainda se encontra em seu território.

As tropas de ocupação continuam a se retirar em meio a verdadeiro saque e assassinatos em massa. Pilham, violam, matam os soldados do rei de Espanha à proporção que deixam o território ocupado.

Fontes bem informadas calculam que, antes de terminada a retirada das tropas, elas farão meia-volta sob o comando de d. João da Áustria para reocupar o país e reduzi-lo violentamente à submissão total.

Nota da Redação: Por um erro de paginação do número anterior, o retrato de Luis de Resquesens que ilustrava as notícias dos Países-Baixos foi trocado de posição com um modelo de vestuário masculino. Esse lamentável engano se verificou na página 6 do nº 29 de O BRASIL EM JORNAL, como os leitores naturalmente terão percebido.



EDITO PERPÉTUO
Flagrante da proclamação em Antuérpia

TEATRO

O Teatro, como arte, avança a passos largos através da Europa. Em Paris continua a ser assunto do dia o sucesso que vem alcançando a «Comédie dell'arte», sucesso ainda maior que o já obtido pela mesma companhia em Madri, Viena e Londres, em anos anteriores.

Ao mesmo tempo, nosso correspondente em Londres dá notícia do crescente interesse da rainha Elizabeth — «a nossa boa rainha «Bess» — pelas companhias teatrais.

Assim é que depois das companhias de lord Clinton e de lord Warwick, surgidas há poucos anos atrás, graças ao apoio da soberana, aparece agora em Londres com o beneplácito de Elizabeth a companhia de lord Howard.

O Harar no caos

Harar, África — Os Galilas estão sitiando esta pequena província depois de uma série de lutas em que o país foi envolvido, vítima do caos e da desordem que dele tomaram conta com a derrota e a morte do Emir Mohamed IV b. Nasser.

Nasser tentara refazer a unidade nacional, proclamando o jihad contra os abissínios, depois das repetidas invasões de Ahmed Gagne, desde 1560.

Há exatamente dez anos Harar foi arrasado pelos mesmos Gallas que voltam a ameaçá-lo. Nessa ocasião foi morto seu grande líder, Nur.

Não usar gorro dá cadeia

Inglaterra, dezembro — Por terem saído às ruas e estradas com as cabeças descobertas (deviam usar gorros de lã), inúmeros camponeses têm sido presos em toda a Inglaterra por ordem da rainha «Bess».

O uso do gorro de lã é obrigatório para todos os que vivem e trabalham nos campos, e que contam mais de 6 anos de idade. Quem desobedece paga a desobediência na cadeia.

Novos horizontes

Quando um novo governador vem reunificar o governo do Brasil, cabe um olhar ao Passado, numa recapitulação ligeira do que tem sido a Colônia nos seus primeiros 77 anos de existência.

Quase ao mesmo tempo em que se descobria o Brasil, Portugal lograva alcançar Calicute e, entre as duas novas conquistas portuguesas, uma deveria ser a escolhida para receber mais que a outra. Calicute mereceu as melhores atenções. Sacrificava-se, logicamente, a Terra de Santa Cruz, que não oferecia grandes riquezas: era preciso arrancar das Índias o que fôsse possível. E para lá convergiram os esforços e recursos.

A aventura marítima arrancou Portugal da agricultura e a conquista do império despovoou o reino. Sofala, Safim, Cochim e Calicute tiveram suas terras embebedas do generoso sangue luso. Tristão Vaz da Veiga, Manuel de Sousa e Fernão Vaz Sernache em Ormuz; Rui Bôto em Baarem; d. Henrique de Menezes em Tramapatão, Dabul e Mangalor; Nuno da Cunha, na Ilha dos Mortos; Antônio da Silveira, em Diú; d. João de Castro, Antonio Galvão e muitos outros, em outros muitos lugares, levaram bem longe a fama da Pátria, a bravura e a honra da gente portuguesa.

Mas enquanto crescia a fama, a população continental diminuía. Ganhava-se a Índia, garantia-se a Índia, mas punha-se em risco Portugal. E descuidava-se do Brasil.

Depois de um curto arrendamento destas terras, a cobiça se assanhou e o rei português fez do pau-brasil monopólio da Coroa. Vieram os piratas franceses, e os combates se sucederam nas costas brasileiras.

Pouco a pouco a situação foi se tornando cada vez mais grave, cada vez mais periclitante, no que diz respeito à perenidade do domínio português na terra de Santa Cruz. Temeroso de perder a colônia, exatamente quando a Índia se esgotava, resolveu a Coroa colonizá-la e, sob o comando de Martim Afonso de Sousa, zarpuu para o Brasil poderosa frota da qual nasceram as primeiras vilas: São Vicente e Piratininga.

Numa tentativa de empenhar na colonização a iniciativa particular dos mais benquistos na Côte, surgiram as capitânicas hereditárias.

E começou então a ocupação, a exploração das riquezas e a emigração lusa para a colônia enfim levada a sério. Tomé de Sousa, D. Duarte da Costa, Men de Sá, Estácio, Nóbrega, Anchieta e tantos outros, com luta, lágrimas, sangue e muito trabalho, deram início à amalgamação de uma nacionalidade nascente.

Hoje, apesar de não ter sido dos mais brilhantes o último quadriênio com a fracassada experiência dos dois governos, o Brasil é a mais promissora fatia do bôlo imperial português.

O BRASIL EM JORNAL, que se colocou frontalmente contra a divisão em capitânicas e não escondeu suas dúvidas quanto à bipartição governamental, aplaude com entusiasmo a iniciativa agora tomada por d. Sebastião.

Que Lourenço da Veiga saiba corrigir as falhas e sanar os erros para limpar o caminho que o Brasil deseja trilhar. Para glória da Casa de Avis e, principalmente, por honra de Portugal é preciso transformar este território imenso numa verdadeira nação que saiba e possa impor-se um dia à América e ao mundo, como criação maravilhosa da força, do engenho, do trabalho e da bravura da gente lusitana.

CULTURA, EDUCAÇÃO E ENSINO

Muret cobiçado

O rei da Polônia, Etienne Bathory, está procurando arrancar ao papa Gregório um dos homens de maior cultura do momento. Trata-se de Antonio Muret, humanista francês que se encontra na Santa Sé, a serviço de Sua Santidade e que é cobiçado pelo soberano polonês.

Podemos informar que Etienne tem enviado apelos com ofertas tentadoras a Antonio Muret no sentido de fazer com que ele venha transmitir seus profundos conhecimentos aos poloneses. Esses

apelos não têm conseguido resultado.

Como se sabe, Bathory vem de criar uma universidade em Vilna e uma academia em Cracóvia. Seu objetivo real é dar aos poloneses cultura em alto grau, ao lado de uma instrução organizada.

Dal surgiu a idéia de trazer Muret para a Polônia, o que consideramos difficilimo senão impossivel, tendo em vista o grande apreço e a excepcional amizade que o Papa dedica ao humanista francês.

Educação burguesa

Saber ler e escrever começa a

A MODA COMO ELA É

Esta coluna apresenta hoje modelos especialmente desenhados por Jost Amman e que ilustram a excepcional obra «O Livro dos Trajes», lançado este ano na Alemanha.

Pela sua atualidade e pela perfeição dos desenhos merecem os figurinos destaque especial em «A moda como ela é». E os leitores podem ver, nos quatro tipos apresentados, as tendências da moda: 1) um conselheiro de Colônia; 2) um cocheiro suíço; 3) uma senhora da alta sociedade de Nuremberg e 4) a mulher de um trabalhador da Silésia com sua filha.



JORNAL ECONÔMICO

Desordem monetária

Paris, setembro — (Do correspondente) — Para tentar acabar com a desordem monetária reinante no país, o real governo francês acaba de fazer vigorar uma lei que determina a substituição da libra tornesa pelo escudo de ouro. A medida visa, antes de mais nada, a banir do país as moedas estrangeiras para estabilizar a moeda francesa. O valor fixado para o escudo é de 3 libras.

Podemos informar, no entanto, que essa taxa legal não corresponde de forma alguma à taxa comercial real. Como a França vive num regime inflacionário, verificase o fenômeno comum a essas épocas: as espécies metálicas se vendem cada vez mais caras e o escudo-ouro, em certas transações, alcança o valor de até 8 libras.

Sobem os preços

Violenta alta de preços vem se verificando na França a exemplo do que ocorre no resto da Europa. Além das guerras constantes, um dos motivos principais dessa alta anormal é a aparição, em larga escala, dos metais preciosos trazidos do Novo Mundo, principalmente por espanhóis.

A administração francesa, a exemplo do que foi feito em 1544 e 1567, tenta refrear a alta com decretos que fixam preços máximos e salários máximos, em contrapartida.

Não acreditamos na viabilidade dessas providências. Ninguém obedece a esses decretos e o câmbio-negro campeia.

Jesuítas trabalham

Os jesuítas acabam de fundar mais um colégio. Desta vez os homens da Companhia de Jesus, os discípulos de Inácio de Loyola, voltaram suas vistas para Lucerna, na Suíça. E já começou a funcionar ali mais um educandário dos jesuítas.

Joana morreu

Roma, outubro (Do correspondente) — Morreu «a bela intrépida», princesa Joana de Aragão, tão admirada pela sua beleza como pela sua coragem, prudência e capacidade para os grandes negócios, qualidades que fizeram de Joana uma das mulheres mais destacadas destes tempos.

Tendo feito oposição frontal ao papa Paulo IV, teve sua vida ameaçada e foi proibida de deixar Roma, mas, em 1556, burlando a vigilância sobre ela exercida, conseguiu, em fuga espetacular, deixar a cidade com suas duas filhas.

Sua vida agitada, de nobreza sem par, faz com que agora, a morte de Joana seja sentida em todos os centros em que fez brilhar sua beleza, seu caráter e sua inteligência privilegiada.

O BRASIL EM JORNAL
R. México, 119, 12.º and.
grupos 1.202/8 — Tel.: 22-6807
SEDE PRÓPRIA
End. Teleg. REFORMA - Rio

Patrono
GUSTAVO BARROSO
Direção
AMARAL NETTO
Assessoria
JAYME COELHO
VICENTE TAPAJÓS
Redação e Pesquisa
AMARAL NETTO
CLAUDIO SOARES
JAYME COELHO
TITO CAVALCANTI
VICENTE TAPAJÓS
Paginação
WALDYR FIGUEIREDO
Ilustração
ADAIL
Revisão
GABRIEL CHAVES DE MELO

Diretor-Superintendente
LUIZ PIETSCH JUNIOR

São Paulo
AGÊNCIA POLANO
Rua João Bricola, 32

ASSINATURA (ANUAIS)
24 Nos. SIMPLES...Cr\$ 300,00
24 Nos. AÉREA...Cr\$ 350,00

Telas, esculturas e poemas tornam seus nomes imortais

A morte tirou ao mundo neste ano de 1577 inúmeros homens que se fizeram credores da admiração da Europa, pela sua arte e pela sua inteligência. O BRASIL EM JORNAL, registrando êsses dolorosos acontecimentos numa só página, empresta a cada um deles algumas linhas de homenagem consubstanciada em ligeiras biografias.

Seus nomes, sua obra, certamente permanecerão através dos tempos como marcos indelévels da nossa era. Com tantos outros eles deixam êste nosso século XVI retratado no que escreveram, no que pintaram e no que esculpiram.

BENEVENUTO CELLINI

Nasceu no ano do descobrimento do Brasil. No dia 1.º de novembro. E aos 70 anos, precisamente no dia 13 de fevereiro de 1571, desaparecia para sempre.

Engenhoso e fecundo no criar; malabarista da técnica, capaz de transformar em cataratas de beleza os mais rudes materiais; espadachim temível e atirador de preciosa pontaria; galanteador insaciável, amante de tôdas as mulheres, transbordante de paixões — Cellini aliava às suas qualidades artísticas o pouco ou nenhum caso que fazia da palavra empenhada ou dos mais comezinhos princípios de moral.

Sua vida foi assim como a aliança do gênio com a devas-

sião, um sarcasmo sem fim no seu afã da beleza e do luxo. Nascido em Florença, filho de músico fabricante de instrumentos, seu pai quis fazê-lo músico também. Deveria tocar flauta ou flautim. E fazê-los, também.

E foi para fazer flautas que Cellini iniciou um curso de trabalhar metais aos 15 anos. Ao mesmo tempo em que se destacava entre os companheiros pela perícia com que trabalhava os metais, se destacava também como elemento desregrado e amoral.

De suas intrigas e de seu maravilhoso trabalho, O BRASIL EM JORNAL cuidou em detalhes em várias edições. Nem a santidade papal escapou a Cellini. Intrigando, roubando e fraudando, como de hábito, êle envolveu até papas nas suas tramas.

E é justo que nos penitenciemos aqui de uma grave omissão, qual seja a do silêncio dêste jornal por ocasião da morte de Benevenuto Cellini. Tantas vezes notícia em nossas páginas; tantas vezes entrevistado por nós, Cellini morreu sem que transmitíssemos a triste notícia no momento exato.

Não vem ao caso justificar a falta. Contentamo-nos em corrigi-la, dando aos leitores, nesta página, o registro daquilo que deveríamos ter noticiado no momento mesmo em que ocorreu a morte de Cellini.

E enquanto chafurdava na lama sua honra e sua moral, subia verticalmente para o firmamento dos gênios. Jóias, candelabros, estátuas e estatuetas, medalhas, saíam aos borbotões de suas miraculosas mãos de ourives sem par neste século.

Em 1565 casou-se. Já velho, muito velho nesta época em que os homens vivem em média menos de 30 anos, êle, que nasceu com o século, escolheu para mulher uma môça chamada Piera Salvatore Parigi.

Apesar da idade, apesar de tantos anos de devassidão, correrias, duelos, prisões e intrigas, dedica-se a escrever tratados de ourivesaria e escultura, ao mesmo tempo em que inicia sua maravilhosa obra que intitulou «A Vida», cujos originais a reportagem de O BRASIL EM JORNAL teve a honra de ter em mãos, em alguns capítulos.

«A Vida» é alguma coisa de incrível. Alguma coisa que vai chocar profundamente seus leitores. Porque Cellini fez dela as mais fascinantes, cínicas e duras memórias que alguém jamais tenha escrito.

Cellini conta seus amôres, suas aventuras, suas intrigas, seus roubos, enfim, todos os seus pecados, numa confissão cuja franqueza vai estarrecer pela coragem e cruzeza da pena do gênio desaparecido.

JEAN JONY

De origem francesa, era concorrente de Gaspar Becerra em Valladolid, Espanha. Tinha, mais que êste, afinidades com Berruguete e o estilo espanhol. Sem ser considerado um grande da escultura, destacou-se nos trabalhos em madeira pela qual trocou o duro mármore.

Sua principal característica: a surpreendente violência das figuras talhadas, violência até mesmo fora de propósito e



A cozinheira do «Comprido»

deslocada como no grupo de «Santana ensinando a Virgem a ler».

GUGLIELMO DELLA PORTA

Discípulo de Miguel Ângelo, seria êsse um título suficiente para credenciá-lo. Morre agora, aos 70 anos. Iniciou sua carreira em Gênova, como puro lombardo que era, mudando-se depois para Roma, onde, em 51, trabalhou sob a influência absoluta de Miguel Ângelo. O sepulcro de Paulo III e o côro de S. Pedro foram trabalhos seus. E é do panteón do primeiro, executado em mármore e bronze, que divulgamos a gravura.

PEDRO AERTSEN O «COMPRIDO»

Nasceu e morreu em Amsterdã, de onde acabamos de receber alguns dados sobre a sua vida. Tinha 58 anos e desde pequeno ganhou o apelido de «Comprido» que o acompanhou na arte. Filho de sapateiro, graças à sua mãe escapou de ter de fazer a vontade do pai, desejoso que êle

seguisse o mesmo ofício. Nosso correspondente relembra com emoção a entrevista que fez com aquela senhora quando o «Comprido» terminava suas primeiras obras, há muitos anos. Foram palavras textuais da mãe de Pedro — «Não permiti que meu marido fizesse dêle um sapateiro. A profissão do pai, embora nobre, não era dêle. «Comprido» nasceu para pintar. E eu afirmei, ao vê-lo esboçar seus primeiros e tímidos traços: nem que eu tenha que ganhar o sustento fiando na minha roca eu o farei pintor. Vê o senhor que tinha razão.»

Mas isto foi há muito tempo, quando a mãe de «Comprido» ainda vivia. Aertsen escolheu para tema constante de suas obras os ambientes de cozinha, as provisões e mantimentos, os animais domésticos, mercados e tipos populares. De um de seus quadros fazemos reprodução nesta nota.

Os quadros com que êle ingressou no domínio religioso foram destruídos em consequência das acendradas lutas entre protestantes e católicos,

(Continua na página 6)



Panteón do papa Paulo III, trabalho de Guglielmo Della Porta

Paris assistiu este ano ao lançamento de um novo livro. Novo e muito importante. Trata-se de um tratado de álgebra da autoria de Guillaume Gosselin e que tem o título de «De arte magna sive de occulta parte numerorum».

O nome de Teresa de Jesus já representa alguma coisa para o mundo cristão. A santa mulher, dentro da sua humildade e da sua devoção, tem sido uma das mais destacadas servidoras do Senhor. Este ano ela publica um livro, que é uma novidade destinada ao mais absoluto sucesso. Título: «O livro das sete moradas» ou «O castelo interior».

Na obra, Teresa de Jesus é sobretudo mística. O livro é um maravilhoso ensaio da mística experimental espanhola.

«Os Lusíadas» continuam a fazer um extraordinário sucesso nos meios literários. Seu autor, o antigo soldado Luís de Camões, cuja trajetória tem sido noticiada por nós com a melhor das atenções, está muito satisfeito com a repercussão. Ao que estamos informados, a saúde de Camões não é nada boa.

«Livro Vermelho» é o lançamento mais credenciado na Suécia, neste ano de 1577. Seu autor é o rei João III, que há dois anos havia lançado «Manual Eclesiástico». Tanto nessa como na sua obra mais recente, o objetivo procurado pelo real autor é a união das Igrejas em sua pátria.

Teodoro Agripa d'Aubigné, ao que apuramos em primeira mão, está escrevendo os primeiros versos de uma nova obra à qual intitulará «Trágicas». O que há de mais importante nesta notícia é que d'Aubigné inicia seu trabalho num campo de batalha, o de Casteljaloux.

Nesta edição, em página especial, damos um necrológico de 1577. A morte não foi magnânima com a inteligência e a arte, como os leitores poderão verificar lendo aquela página com conclusão nas colunas ao lado.

E, assim mesmo, registramos aqui com imenso pesar o desaparecimento de George Gascoigne, poeta inglês nascido por volta de 1525 e que contribuiu decisivamente para o florescimento, em seu país, da arte de fazer versos.

Juan de la Cruz, confessor do convento de Santa Teresa, em Avila, desde 1572, foi preso na noite de 3 para 4 de dezembro deste ano, vítima de inimigos desleais.

Juan de la Cruz, que é renomado poeta, foi encarcerado num convento de Toledo, onde vem sendo vítima das maiores humilhações. A reportagem tentou chegar até ele para obter uma declaração, mas nada conseguiu, uma vez que a ninguém é dado entrar no convento.

«Tratado de Mecânica» é o título da obra lançada este ano por Guidubaldo del Monte. O que há de mais importante nessa obra é a apresentação pelo autor das teorias sobre as várias aplicações do caso geral das alavancas, teorias até agora desconhecidas, embora muito pesquisadas.

Desde o tempo dos gregos que vinham os matemáticos tentando resolver os problemas das alavancas. Até agora só se conhecia a solução destinada aos casos mais simples, isto é a que afirma que as forças aplicadas nas extremidades têm uma direção perpendicular ao braço da alavanca — além de outras menos importantes e de solução mais simples.

Agora, del Monte entrou em terreno desconhecido de maneira decisiva.

«Tratado de Mecânica» é livro que não pode faltar na biblioteca dos matemáticos.

Cervantes vendido como escravo

Valadolid, 30, dezembro (Urgente) — Miguel de Cervantes Saavedra, poeta espanhol, foi vendido por seu proprietário, um renegado grego, Dali Mami, ao vice-rei de Argel, Hasan Pachá.

Esta é a última notícia (confirmada) sobre o drama que vive o poeta desde que, em junho de 1575, foi licenciado do serviço militar que prestava em Nápoles e em Palermo, embarcando no navio «Sol», rumo a este país.

Em pleno Mediterrâneo o barco em que viajava Cervantes foi atacado pelo temido corsário Arnaut

Mami que, com sua frota, implanta o terror naquele mar. Depois de preso, Cervantes tentou fugir por diversas vezes, sem conseguir o seu intento.

Como se sabe, o poeta espanhol tomou parte na maior batalha naval de todos os tempos, a de Lepanto e, conforme noticiou na época este jornal, foi ferido numa das mãos, a esquerda, que ficou definitivamente tolhida em seus movimentos.

Apesar dos esforços da reportagem, nada mais foi possível apurar sobre a atual situação de Cervantes, agora propriedade do vice-rei de Argel.

Telas, esculturas e poemas tornam seus nomes imortais

(Conclusão da página 5)

pois Aertsen, nas cenas por ele pintadas, havia se mostrado adversário odioso do clericalismo e do despotismo.

Deixou três filhos que prometem continuar sua obra: todos são pintores.

RODRIGO HONTANON

Em Segóvia, Espanha, aos 77 anos de idade, morreu Rodrigo Hontanon, arquiteto de nomeada naquele país. Descendente de uma família de arquitetos famosos, colaborou em na construção das catedrais de Plasência e Segóvia e, com Pedro de la Cotera, construiu a Universidade de Alcalá de Henares, quando se entusiasmou fanaticamente pela arquitetura.

REMI BELLEAU

Despacho de Paris, datado de 6 de março deste ano, dá conta da morte de Remi Belleau, famoso tradutor do Anacreón e poeta admirável no descrever as paisagens campestres, emprestando-lhes colorido pitoresco e agradável.



Remy Belleau.



Pedro Nunes

Para dizer quem era Belleau, basta informar aos nossos leitores que seu nome figurava na «Pléiade» que reúne a fina flor da poesia e da literatura francesas.

Descrevendo o entêro, informa nosso correspondente que o caixão de Belleau foi carregado por seus não menos famosos companheiros da «Pléiade»: Ronsard, Baif, Desportes e Amadis Jamyn.

Dedicou toda sua vida à poesia, protegido que foi financeiramente pela nobre família Elbeuf. Entre suas principais obras destacamos «La Bergerie», «Les amours et nouveaux échanges des pierres précieuses, vertus et propriétés d'icelles».

Instados pela reportagem, dois grandes homens do mundo de hoje, Etienne Pasquier, magistrado, humanista e historiador, e Pierre Ronsard, fizeram declarações exclusivas sobre Belleau. Disse Pasquier: «Foi o Anacreón do nosso tempo». E Ronsard assim se exprimiu: — «Era o pintor da natureza». E, com lágrimas nos olhos, acrescentou: — «Tínhamos um coração comum».

PEDRO NUNES

Para ele foi criada pelo rei de Portugal uma cadeira de

matemática na Universidade de Coimbra. Foi o inventor do nônio, aparelho cujo aparecimento foi por nós noticiado com destaque. Era cosmógrafo real e seu nome se tornou famoso entre os cientistas e navegantes: Pedro Nunes.

Nascido em 1492 demonstrou durante toda a sua vida espírito inventivo, deixando obras em diversos domínios científicos.

No seu «Livro de álgebra en arithmetica y geometria» (1567) tentou determinar o máximo divisor comum de duas expressões algébricas em vista da resolução de certas equações de grau superior.

Deve-se-lhe a solução do problema do crepúsculo mais curto e, no seu «Arte at que ratione navigandi», Coimbra, 1546, mostrou que o caminho mais curto entre dois pontos da superfície terrestre é o arco do grande círculo e não a curva cortando os meridianos sob um ângulo, como imaginava a maioria dos cientistas.

A morte de Pedro Nunes neste ano de 1577 foi um dos mais dolorosos golpes sofridos pela ciência mundial.



Cellini cinzelou o Cristo. Mas negou-se a segui-lo...



Esta coluna retorna às páginas de O BRASIL EM JORNAL pela mão do cronista especializado, apresentando dois magníficos exemplares ligados aos paramentos pessoais de um cavaleiro. No caso, um cavaleiro de sangue azul, morto há tão pouco tempo. Trata-se de Carlos IX, que foi rei de França e que, certamente, entrará na História mais pelos trágicos acontecimentos da terrível noite de São Bartolomeu, do que por qualquer outro dos seus atos.

Mas, voltando à coluna, divulgamos hoje em primeira mão reproduções do escudo e do capacete de Carlos IX, ambos primorosas obras de ourivesaria, saídas das mãos dos mais completos armeiros franceses.

Chamamos a atenção dos leitores para a preciosidade dos detalhes gravados, assim como para o encaixe de magníficas pedras preciosas em ambos os apetrechos de guerra e, mais que de guerra, de gala.

Carlos IX em sua curta vida usou esse escudo e esse capacete nos momentos mais solenes e nos torneios em que tomou parte. Além do mais — recordamos — era ele um apaixonado armeiro amador, dispondo, inclusive, de uma oficina própria, na qual trabalhava nas horas de lazer.



Fundado Jardim Botânico

Leyde, Holanda (Países-Baixos) — A publicação de vários trabalhos denominados «Hortus Sanitatis», apesar das guerras que ensangüentam esta província, vem animando a cultura de plantas medicinais nas abadias e nas vilas universitárias.

Seguindo o exemplo da Itália que já conta com inúmeros jardins botânicos, vem de ser criado aqui o Jardim Botânico de Leyde, já com variadas qualidades de plantas medicinais.

Campanha marroquina começa com perdão real aos judeus

EM SOCIEDADE

Um novo adereço começa a fazer furor principalmente na Inglaterra. Trata-se de um pequeno pedaço de pano cuja qualidade varia de acordo com as posses de quem o usa, variando da mesma forma sua apresentação simples ou cheia dos mais finos bordados.

Chama-se «lenço» e seu uso teve início há pouco tempo exclusivamente para assoar o nariz, tendo em vista a dificuldade de o fazer com os próprios dedos.

Causou pânico na corte inglesa um achado macabro: uma figura de cera representando a rainha Elizabeth apunhalada. Trata-se, não resta dúvida, de feitiçaria e a soberana mais que depressa mandou chamar o famoso astrólogo John Dee que, aos 50 anos já alcançou fama internacional. Dee estudou em Cambridge, demonstrou ser excelente matemático e chegou a apresentar um projeto de reforma do calendário.

Foi ele quem, chamado por Leicester e pelo conde de Pembroke, calculou e determinou astrológicamente a data em que deveria ser coroada Elizabeth. Desde 1564 instalou-se como instrutor da rainha nos segredos místicos. «Bess» o tem em alta conta e de quando em quando vai à bola de cristal de Dee para ver o que dizem os espíritos que nela aparecem. Conseguirá ele destruir os efeitos da maléfica boneca de cera?...

O núncio papal, monsenhor Salviati, mudou de casa este ano nada menos de três vezes. É recorde, não resta dúvida.

A cegonha visitou o palácio real da Dinamarca: nasceu o pequeno Cristiano, filho do rei Frederico II e da rainha Sofia de Macklemburgo. Felicidades.

Em 28 de maio o povo de Paris contemplou embevecido — o povo é sempre assim — a passagem do magnífico cortejo de Margarida de Valois, irmã do rei e agora rainha de Navarra por seu casamento com o «herege» Henrique de Bearn.

Pela porta de Saint-Denis, a luxuosa e bela liteira da rainha, tendo a cavalgar ao lado, em magníficas roupagens, dez lindas jovens de sua corte particular, partiu rumo a Flandres.



Um detalhe de baile na corte dos Valois

Mais atrás, em 8 carruagens, seguiam as damas nobres de Margot. A liteira recoberta de veludo encarnado, bordado a ouro e fios de seda, tinha em seus vidros 40 escudos esculpidos com dizeres em espanhol e italiano.

Motivo da viagem? Especulações diversas surgiram imediatamente, mas a que é admitida como mais certa é a de que Margarida vai a Flandres fazer um tratamento de saúde: ela tem erisipela e madame La Roche Suez-Yon, com a mesma doença, se deu muito bem naquela região. Dizem, os que as conhecem, que as águas de Spá (Flandres) são fabulosamente curativas.

Murmura-se também que a viagem de Margarida estaria contida num plano de seu irmão mais moço, o duque de Anjou, que, por trás das cortinas, trabalha com a irmã contra o cabeça da família, o rei Henrique III.

Mas antes de partir, Margarida de Navarra tomou parte numa festa realizada por Catarina de Médicis nos jardins do palácio de Chenonceaux. A festa, como o baile que se seguiu, atingiu um grau de imoralidade poucas vezes visto. Os decotes das damas da corte, inclusive Margot e principalmente Madame de Sauve, iam até à cintura...

Com o mesmo entusiasmo, a mesma vibração e o mesmo engalantamento com que recebeu o falecido Carlos IX (católico), a cidade de Brouage recebeu agora Henrique de Navarra (protestante)...

Dizem que, ao entrar na cidade em meio às flôres e às aclamações, o «Bearnez», o eterno Henrique de Navarra, ria-se e murmurava com as suas barbas: «Ontem eram católicos... hoje protestantes. Povo volúvel...»

Dois homens, dois irmãos, dois portugueses muito ligados à formação do Brasil, tiveram cada um, um filho, nos quais colocaram, um o nome do outro.

Aparentemente confuso, o caso se explica da seguinte maneira: Martim Afonso de Sousa deu a seu filho o nome de seu irmão: Pero Lopes de Sousa. Pero Lopes de Sousa deu ao seu filho também o nome de seu irmão: Martim Afonso de Sousa.

Assim, temos um Pero Lopes de Sousa, filho de Martim Afonso de Sousa e um Martim Afonso de Sousa, filho de Pero Lopes de Sousa...

Lisboa, 31, dezembro, 1577 — Os bens dos cristãos novos não serão mais confiscados pela Inquisição, este é o teor da bula hoje publicada nesta capital e que ocasionou os mais descontraçados comentários.

Ao tomar conhecimento do assunto, o cardeal D. Henrique, tio do rei D. Sebastião e inquisidor-geral no país, resolveu afastar-se da cidade, em sinal de protesto, pois a concessão lhe pareceu indigna de um ser católico.

A publicação da bula é o último de uma série de atos com que o rei português busca apressadamente reunir recursos para invadir o Marrocos.

Encontro real

De dezembro do ano passado a janeiro do corrente, D. Sebastião e o rei da Espanha, Filipe II, estiveram reunidos em Guadalupe. Objetivo: D. Sebastião tentou obter ajuda espanhola para a campanha marroquina.

A entrevista dos dois reis foi acidentada. Como o duque de Alba mostrasse a D. Sebastião que o empreendimento era difícil e de pouco significado, o rei de Portugal se ofendeu e replicou:

— General, eu não sei de que cor é o medo.

— É da cor da prudência, Majestade, respondeu-lhe o duque.

Ao final, Filipe II concordou: daria mantimentos, forneceria navios e 5 mil voluntários, pagos a sua custa. A uma proposta de D. Sebastião (casamento com a princesa espanhola Isabel Clara) o rei de Espanha se limitou a dizer que, mais tarde, ofereceria uma de suas filhas ao rei português.

Ao término dos debates, outro sério incidente ocorreu. No dia 1º de janeiro, Filipe foi despedir-se de D. Sebastião à noite. O rei português, que voltaria para Portugal no dia seguinte, de madrugada, considerou-se desfeito por Filipe, que, segundo ele, não queria vê-lo viajar. Filipe, a contragosto, despediu-se de seu sobrinho às 3 e meia da manhã.

Situação africana

Enquanto o rei português envia emissários a todas as cortes europeias, em busca de dinheiro, a situação na África é a seguinte:

1 — Com a morte, em 1574, do xerife Mulei-Abdalah, subiu ao trono seu filho, Mulei Mohamed, conhecido em Portugal como Mulei Maluco;

2 — Dois tios do novo monarca, Mulei Ahmed e Adbe Almeliq, consideraram a sucessão ilegal, pois o filho de Abdalah provém da união com uma escrava;

3 — Há dois anos, resolveram atacar o Marrocos, com o auxílio dos turcos, e Mulei Mohamed foi vencido em Fêz, de onde solicitou ajuda portuguesa para se repor no trono;

4 — O alcaide de Alcácer-Quibir, Larache e Arzila, sr. Abde Alquerime, fiel a Mulei Mohamed, entregou a praça de Arzila ao comandante português de Tânger, Duarte de Meneses.

Vai em pessoa

Embora em todas as conversas sobre a expedição o rei de Portugal viesse se referindo ao

sr. Luís de Ataíde como provável comandante das tropas, sabe-se agora que o próprio rei irá comandá-las. A versão Ataíde se destinava a não preocupar D. Catarina, avó do rei, que não quer vê-lo envolvido em novas aventuras na África.

Assim é que, a 15 de outubro último, Ataíde foi despachado para o governo da Índia. Depois, em reunião secreta do Conselho, comunicou D. Sebastião que irá em pessoa à África, pois, como já revelara em carta a Filipe e ao Papa, não acredita que alguém consiga mais êxito que ele em África.

Armamentos

Está em Antuérpia, a fim de comprar armamentos e conseguir voluntários para a campanha africana o agente de D. Sebastião, sr. Nuno Álvares Pereira.

A viagem dos expedicionários, que ficara assentada para agosto último, segundo a reunião de Guadalupe, foi transferida para março do próximo ano, em virtude de não poder Filipe II, dada a revolta nos Países-Baixos, enviar os voluntários prometidos.

Adianta-se que outro enviado português propôs sem resultados, ao grão-duque de Florença o casamento de D. Sebastião com uma sua filha em troca de empréstimo para a formação da armada.

Em Augusta, na Alemanha, emissários portugueses contrataram o empréstimo de 400 mil cruzados a 8% de juros com o banqueiro Conrado Rott. Tudo para o exército.

Internamente, apesar de ainda não ter tropas preparadas, Portugal continua, com sérias dificuldades, a levantar capital para invadir Marrocos, mas acha-se difícil que o rei tenha, no prazo marcado, os recursos de que necessita.

Inglaterra vai saber quantas tavernas tem

Londres, 20, julho, 1577 (Sucursal) — Todos os albergues e tavernas da Inglaterra serão recenseados. A ordem, baixada hoje pelo Conselho, tem uma causa — obras do porto de Douvres — e dois objetivos: limitar o número dessas casas e aumentar as taxas de licença.

A ordem considera nulas todas as licenças atuais e determina um aumento para as novas, que só serão concedidas dentro de alguns meses.

Estas providências, com que o governo real espera cobrir as obras do porto, deverão provocar protestos dos taverneiros, pois todas as vezes que o tesouro inglês necessita de verba, um aumento de taxa é imposto às tavernas e albergues.

E a situação tende a piorar, pois, com sua já confessada intenção de diminuir o número dessas casas, o governo terá, para não ter baixa na arrecadação, de aumentar as taxas, fazendo o taverneiro pagar, cada vez mais caro, pelo reconhecimento de sua importância social.

Sul ganha bispo que é licenciado

Lisboa, 27, dezembro, 1577 — Está de viagem marcada para o Rio de Janeiro o licenciado Bartolomeu Simões Pereira, que ali vai assumir a administração apostólica da cidade.

Simões Pereira, que foi nomeado para o posto em maio último, por ato do rei Sebastião de Portugal, informou-nos que pretende marcar sua circunscrição eclesiástica pela estadia que dedica aos jesuítas.

O posto de Simões equivale, de direito, a um bispado, e é ele o primeiro a exercê-lo no Sul do país.

Jesuíta que sai não vai mais a Roma

Roma, 18, agosto, 1577 — Quem for expulso da Ordem de Jesuítas não vai mais a Roma ouvir do Geral da Companhia o ato de dispensa: os provinciais locais têm, a partir de hoje, plenos poderes para despachar os indesejáveis.

Nas instruções que acaba de enviar ao padre José Anchieta, o geral Mercuriano é categórico:

«Quando de lá (Brasil) se houverem de enviar alguns por incorrigíveis, não é mister enviá-los a Roma, mas somente a Portugal para que ali sejam despedidos.»

Ao que se informa, o ato se destina a não facilitar a volta à Europa dos que aleguem qualquer pequena contrariedade. O abuso estava-se generalizando e muita gente, depois de algum tempo na Europa, após visitar parentes e amigos, pleiteava e obtinha o retorno ao Brasil.



PROCISSÃO

Paris não verá mais este espetáculo: desfile dos "liqueiros" armados até os dentes

Caótica a situação da França

Paris, 30, dezembro (urgente) — La Charité e Brouage (porto do sal) foram ocupadas pelos duques de Anjou e de Mayenne depois de violentos combates em que o irmão do rei e o irmão de Guise, rompendo seus acordos com os protestantes, voltaram às boas com a coroa francesa, dando a Henrique III a oportu-

nidade de liquidar mais uma vez com a relativa tolerância que vinha sendo dispensada aos huguenotes.

La Charité e Brouage eram duas cidades do grupo das chamadas «de segurança», entregues à administração e ao culto protestante.

Logo depois desses acontecimentos, a 17 de setembro passado, assinou-se a paz de Bergerac e publicou-se um novo édito, o de Poitiers, documentos que reduzem drasticamente todas as concessões que haviam sido feitas aos protestantes pelo tratado de Beaulieu, já consideravelmente rompido nos Estados Gerais de Blois, como noticiamos em nosso número anterior.

Catarina de Médicis, a rainha-mãe, foi o cérebro da manobra que fez voltar ao seio real os descontentes que se haviam ligado aos protestantes, tendo à frente seu próprio filho, d'Anjou, e o irmão do poderoso Guise, Mayenne, assim como Damville, um dos mais fortes senhores deste reino.

GOLPE DO REI

Paris, 30, dezembro (urgentíssimo) — Sua Majestade Henrique III acaba de desfechar um golpe de morte no poderio crescente e quase que absoluto de seu maior rival, Henrique de Guise, resolvendo determinar a dissolução da Santa Liga em todas as províncias da França.

Como se sabe, o duque de Guise é o comandante-em-chefe da Santa Liga que reúne em seus pelotões de agitação pública burgueses, artesãos e as massas populares das cidades, no que elas têm de mais fanático antiprotestantismo.

As vitórias obtidas e o cancelamento da quase totalida-

de dos privilégios anteriormente concedidos aos protestantes, foram os argumentos decisivos que levaram o rei de França a se aproveitar da ocasião para

impedir que o duque de Guise mantenha em ascensão vertical seu prestígio popular que já começa a ameaçar o próprio prestígio real.

DO NOSSO OBSERVADOR

Caótica e absolutamente confusa é a situação da França neste fim de ano. A própria posição da família real é das mais controvertidas. Sabe-se aqui que a viagem da rainha Margot — como é popularmente conhecida Margarida de Valois, irmã do rei de França e mulher do soberano de Navarra — a Flandres causou até mesmo indignação a Henrique III, que suspeita dela quanto às manobras políticas que vem realizando com o membro mais moço da família, Francisco, duque de Alençon e agora de Anjou.

Fontes absolutamente bem informadas afirmam que Henrique III chegou ao ponto de enviar uma carta a Filipe II, denunciando a irmã que se dirige, ou já se encontra, em território espanhol, pedindo que o rei de Espanha mande prendê-la.

Enquanto isso, se acendem e se tornam cada vez mais graves as desavenças entre Henrique III e seu irmão caçula, inquieto herdeiro do trono.

No tabuleiro de xadrez da política francesa joga-se uma partida das mais sérias, propiciando que um outro Henrique, o Henrique de Guise, o «Acutilado», assuma a liderança incontestada da nação, como único líder popular fortalecido por uma campanha publicitária de primeira ordem.

Assim é a guerra, às vezes fria, às vezes sangrenta, mas sempre a guerra entre homens do mesmo nome, todos poderosos, todos de sangue azul: a guerra dos três Henriques: Henrique de Valois, rei de França; Henrique de Guise, o mais poderoso, o chefe da Santa Liga, e Henrique de Navarra, o jovem, inteligente e ladino rei de Navarra, cabeça do partido protestante.

Em meio às manobras masculinas movem-se as damas, amando, intrigando, espionando aqui e ali, verdadeiros esquadrões de graça e beleza, contribuindo decisivamente para aumentar ainda mais a confusão francesa. E entre as damas, a se destacar em primeiro plano, a velha rainha-mãe, a «Florentina» e sua filha Margarida, de Valois e de Navarra.

Para onde caminha a França que é hoje, mais do que nunca, a pátria da intriga, devastada pelas guerras fratricidas e pelas ambições desencadeadas e insopitáveis de quase todos os seus chefes?



GUISE

O outro Henrique golpeou-lhe o prestígio.

